

MENINAS E SONHOS: SUBTERRÂNEOS DAS MEMÓRIAS DE ADOLESCENTES MIGRANTES NO SUDESTE DO PARÁ¹

Gildecy Santos Pereira
Pedagoga, Mestre em Educação e Cultura – UFPA

Sulamita Cunha Morgado
Pedagoga, Especialista em Educação do Campo, Desenvolvimento e Sustentabilidade - UFPA

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marizete Fonseca da Silva - UFPA

Resumo: A partir das narrativas de histórias de vida e memórias subterrâneas de jovens adolescentes de Assentamentos da Reforma Agrária que vivenciaram um processo de migração “espontânea” do campo para a cidade, este texto faz uma reflexão acerca da juventude camponesa, centrando a discussão na tessitura de fios, desafios e perspectivas que estas enfrentaram/enfrentam ao se verem distante de suas famílias e de suas realidades sócio-culturais. As dificuldades, perspectivas, e contradições externalizadas nestas memórias. Visando desvelar e compreender como se dão nesse contexto as relações familiares, o desenraizamento social, familiar e cultural, trazendo a tona também, a discussão sobre pedofilia, assédio e abuso sexual. Enfatizamos a importância desse estudo e do pouco destaque que tem se dado a esse tema nas produções científicas, bem como a falta de atenção às vozes asfixiadas dessas adolescentes e seus sonhos.

Palavras-chaves: Juventude feminina do campo. Memórias subterrâneas. Abuso sexual. Subjetividade.

1. Introdução

Inicialmente desejávamos fazer um estudo sobre a trajetória das jovens adolescentes que migraram do campo para a cidade, e nesse processo migratório², perderam a identidade com a terra e a relação de pertencimento. No entanto, esse não foi o único elemento que focamos. Pois logo no início da pesquisa uma das temáticas que se sobressaiu implicitamente nas falas das depoentes foi a pedofilia, o abuso sexual e o aliciamento dessas meninas. Começamos a partir daí a questionar: Quem são essas corajosas mulheres? São pessoas com face, com sonhos, sofridas, alegres, religiosas, descrentes, professoras, donas de casa, garotas de programa. Foram algumas dessas mulheres que nos ajudaram a escrever esse texto, que tem assim como nós as pesquisadoras, o anseio de chamar atenção das pessoas pra esses fatos que acontecem cotidianamente e são “naturalizados” pela sociedade.

¹ Este artigo foi elaborado como requisito a conclusão da disciplina Memória Social na Amazônia, no curso de Especialização em Educação do Campo, Desenvolvimento e Sustentabilidade, ofertado pela Universidade Federal do Pará.

² Essa pesquisa foi desenvolvida tomando como recorte histórico e geográfico uma área de assentamento denominada “Cametaú/Fortaleza”, bem próxima a Vila “Pau Seco” município de Marabá- Pará, que há alguns anos atrás, (na década de 80), foi cenário de vários conflitos de luta pela posse da terra, além de uma intensa trajetória de assassinatos e chacinas.

Nessa construção, as memórias das depoentes dessa pesquisa foram externadas, através de histórias de vida. Como também fizemos parte deste contexto migratório, e já conhecíamos algumas dessas jovens, não tivemos muitos problemas em trazê-las a dar seus depoimentos. Mesmo assim, foi bem difícil desenvolver esse trabalho, considerando que algumas memórias subterrâneas carregam consigo sentimentos de culpa, complexo de inferioridade, choros, sentimentos esses, que em vários momentos não sabíamos como lidar.

Por se tratar de um tema que resgata ressentimentos, silenciamentos, tabus, dentre outros sentimentos que refletem as atitudes cotidianas de cada jovem envolvida, propomos um trabalho colaborativo, utilizando como metodologia a história oral, considerando a possibilidade que a mesma oferece que é dar voz aos que historicamente foram silenciados, pois “ao verem suas experiências de vida e suas memórias valorizadas, como fonte para a construção do conhecimento histórico, as pessoas se reconhecem como sujeitos da história, que os possibilitam refletir sobre o cotidiano a partir do seu próprio protagonismo” (FREITAS, 2002, p. 71).

Além disso, o trabalho com memória possibilita segundo (POLLAK, 1989, p. 3-15) “vivenciar uma experiência, gravá-la e transmiti-la às novas gerações”. Todas as memórias têm um processo individual e, a partir dele, podemos perceber os grupos sociais. A partir de uma história de vida podemos apreender um pouco sobre a sociedade. Neste sentido, “a história da memória tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória.” (POLLAK, 1989, p. 95 apud ROUSSO, 2002).

Em meio às narrativas das oito mulheres envolvidas na pesquisa, percebemos que essas recordações são carregadas de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente. Essa memória “proibida” e, portanto “clandestina”, ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato, a sociedade civil e a ideologia. [...] uma vez rompido o tabu, uma vez que a memória subterrânea consegue invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades. (Pollak, 1989).

Optamos por essa metodologia de história oral, pela possibilidade que essa propõe que é trazer para as produções acadêmicas e científicas, as memórias subterrâneas de adolescentes que sobreviveram durante anos, com as memórias e lembranças traumatizantes, lembranças que esperaram e esperam o momento propício para serem expressas. Essas lembranças, marcadas pela doutrinação ideológica, ficaram durante muito tempo confinadas ao silêncio e só foram transmitidas

oralmente de algumas gerações para outras, mas raramente em publicações acadêmicas. (Pollak, 1989).

1.2. Juventude do campo no Sudeste do Pará: elementos contextuais e memórias que marcam a trajetória de algumas jovens de Assentamentos da Reforma Agrária

No processo de considerar a condição juvenil, é necessário considerar também as diferentes juventudes que estão na cidade, no campo, na floresta, na beira do rio, cada um com suas especificidades e necessidades e assim sendo, há que se refletir também sobre a juventude que não está inserida nos movimentos, nem em organizações sociais, aqueles/as que estão à margem das políticas públicas e dos espaços de direitos.

Weisheimer [2005], apud SILVA [2009] afirma que a participação da juventude camponesa³ nas dinâmicas migratórias, assim como a invisibilidade social dessa juventude, são os dois aspectos que chamam atenção dos/as pesquisadores brasileiros/as quando voltam seu olhar para as especificidades dessa juventude.

No primeiro aspecto, é perceptível uma saída mais significativa por parte das jovens. Em determinados casos, a mãe acaba saindo também para morar com a/s filha/s na cidade. Segundo Weisheimer (2005), 25% da migração jovem para a cidade correspondem a migração feminina.

Nós morava todo mundo na roça, aí quando terminou a 4ª série, meu pai comprou uma casinha de madeira na rua e nós mudamo pra lá. Eu, mãe e as minina (referências às duas irmãs). Aí pai ficou na roça só. No final de semana ele vinha pra rua e trazia arroz, feijão, farinha, macaxeira, inhame, machiche abroba, quiabo, essas coisa que a gente planta na roça mesmo. [...] Quando ele num vinha nós ia no sábado e voltava na segunda feira no ônibus da linha. (Arlete – maio de 2009).

Neste sentido, a grande maioria das adolescentes, são estimuladas a deslocar-se do campo para a cidade, pois tem a ilusão de que nesse espaço que tem uma dinâmica bastante diferente do seu lugar de origem, tudo vai melhorar e assim nutrem o *sonho* de mudar não só a sua qualidade de vida, mas também de seus familiares, que neste contexto, deposita nessa adolescente uma intensa carga de responsabilidades no que diz respeito a ter uma ascensão social e assim transformar a situação econômica dos familiares que no campo ficaram

O trabalho nesse contexto se configura enquanto um cunho identitário importante para as pessoas de modo geral. E para as mulheres principalmente, pelo fato de caracterizar uma certa “redenção ou elevação da sua auto estima. Nesse relato, é possível perceber que o trabalho embora

³ A juventude do campo na Amazônia é marcada pela diversidade. São jovens ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores, extrativistas, agricultores familiares, assentados. Assim, os/as jovens dos Assentamentos da Reforma Agrária inscrevem-se nessa cartografia da juventude amazônica.

⁴ No campo, existem 5,9 milhões de jovens entre 15 e 24 anos de idade. Cerca de 1,8 milhão vive em situação de extrema pobreza. O nível de escolarização é muito baixo e calcula-se que 65% das pessoas que vivem no campo possuem até quatro anos de estudo. (Cf: Barros: 2006)

considerado por ela “inferior,” se constitui enquanto um elemento bastante significativo no seu imaginário, já que neste sentido, devolveria a dignidade que a situação de abuso sexual lhe tirara, uma vez que os direitos sociais estão intrinsecamente ligados ao trabalho.

[...] eu não me lembro bem mas parece que foi em 91 que eu saí daqui da roça e fui pra lá, pra cidade pra estudar...eu me lembro que na primeira semana, foi bom demais....eu ficava impressionada com as coisas que tinha na cidade, sabe como é ? A pessoa sempre morou na roça, sem energia, alumiaava só com um candierim véi só, a diversão que agente tinha lá era o rio...tinha uma ponte que o pessoal mais novo ia tudo pra lá no domingo, nós apelidava lá de poção..porque era fundo. Aí banhava o dia todo, tinha gente que só saía de lá depois que apanhava que era a hora que os pai levava e dava uns puchavanco de cabelo. Aí quando cheguei na cidade, era tudo bonito, tudo iluminadim, eu gostava de ir lá pra fora e ficar vendo aquele monte de poste tudo iluminado, tudo claro. Mas depois que passou um tempo ficou ruim demais. A mulher não me dava as coisas porque dizia que eu tava lá só pra estudar [...] é porque ela acertou esse acordo com minha mãe e meu pai quando eles vieram pedi pra mim ficar na casa dela, aí eu fui ficando com necessidade de ter as coisas, eu via todo mundo com uma roupinha nova e eu não...[...] (Regina – abril de 2009).

A “mulher” a qual a depoente se refere normalmente é a família da cidade para onde as adolescentes migram. Nesse contexto, ocupam o papel de empregada doméstica, babá, cuida de idosos, etc. Durante a pesquisa, constatamos que, na maioria dos casos, não são remuneradas, pelo fato dos afazeres domésticos, não serem considerado “trabalho”, apenas uma ajuda, já que estão aumentando as despesas da casa. O trabalho que desenvolvem é uma espécie de pagamento pela alimentação, dormida, material de higiene, etc. além da possibilidade de estudar. Essa relação em geral, trata-se de um acordo feito entre as famílias das adolescentes com as famílias com as quais elas vão fazer parte, que na maioria dos casos são famílias que dispõe de certo recurso econômico, ou possui com a família da jovem, relações de parentesco, compadrio, etc.

Para essas jovens, o trabalho se caracteriza enquanto um organizador social e toma uma posição de centralidade, que é reforçado pela escola, que se associa ao trabalho, incutindo a idéia de êxito, sucesso que se dá a partir da ascensão da escolaridade. Nessa relação, o trabalho se relaciona a sobrevivência, uma vez que em nenhum momento se percebe no relato dessas jovens uma ponte para a realização profissional. Neste sentido, surge outro aspecto que, nessa pesquisa, caracterizou-se como um elemento catalisador na vivência dessas jovens, que é a situação de abuso sexual⁴, sendo determinados por diversos fatores, sendo um deles reforçado por uma lógica hegemônica que

⁴ Segundo Eva T. Silveira Faleiros e Josete de Oliveira Campos, pesquisadoras do CECRIA, nos materiais bibliográficos disponíveis até o momento, não há uma precisão terminológica para o conceito de abuso sexual, sendo este designado por diferentes termos, como: violência sexual, agressão sexual, vitimização sexual, exploração sexual, maus tratos, sevícia sexual, ultraje sexual, injúria sexual, crime sexual. Nessa pesquisa, utilizaremos o termo abuso sexual, que corresponde a situações de uso excessivo e ultrapassagem de limites, considerando a condição social das adolescentes pesquisadas.

constrói no imaginário social dessas adolescentes a cultura e a necessidade do consumo. Algumas situações de abuso possibilitarão essas meninas terem acesso a esses bens culturais que historicamente foram-lhes negados.

Ao migrarem do campo para a cidade, os/as jovens não estão apenas em busca de um lugar atrativo, ou de escolarização, estão em busca de oportunidades, de sonhos, de esperanças, que na maioria das vezes, estão mascaradas de dominação e violência.

[...] quando ele queria que eu fosse lá no quarto veí que ele morava, ele passava lá na casa onde eu morava, ficava por lá de boqueira aí só dava um sinal e ia embora, aí depois eu ia. Falava pra mulher que ia fazer um trabalho de escola e ia. Quando chegava lá, ele já tava me esperando...aí ele sempre comprava coisa levava coisa de comer, laranja, banana, maçã, uva...chocolate...eu ainda era menina e menina gosta dessas coisas, né...[...]. **(Regina, março de 2009)**

Para VIGARELLO citado por SOARES, 1998, p. 17, o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vêm inscrever seus signos, como também seus brasões. Neste sentido, é no corpo onde ocorrem os controles da sociedade, as relações de poder, não por simples ideologias sobrevoantes (FOUCAULT, 1987), por um discurso visceral, que adequa, [...] endireita, [...] poda, [...].

“Eu nunca vou ter coragem de contar o que aconteceu comigo pra ninguém, da minha família né? Porque eu mesmo, (pausa) [...] eu mesmo tenho muita vergonha e se meu filho, meu marido saber dessas coisa, eu tenho medo deles num me respeitar mais, né? Porque eu mesmo acho essas coisa tão esquisita que, sei lá, Deus me livre...[...]. **(Tereza, maio de 2009).**

A fala da depoente expressa uma condição de auto punição, à medida em que seus gestos tensos e confusos revelam uma certa repulsa em relação a sua situação vivida. Nas suas narrativas ela mencionava o tempo todo o termo *prostituição*, externando nessa relação uma construção extremamente negativa em relação a concepção construída historicamente acerca das mulheres prostitutas e como eram vistas no século XVII⁵ e como são rotuladas atualmente.

⁵ “A prostituta na sociedade era vista como o esgoto do palácio. Se se retirar o esgoto, o palácio inteiro será contaminado.” (RICHARDS, 1993, p. 123) A prostituição é vista, nesse contexto, como um mal necessário ao alívio das necessidades sexuais e evitava que os homens se aproximassem de esposas e filhas respeitáveis, procurando assim, desestimular o estupro. (RICHARDS, 1993)

2.1. Enveredando por outros caminhos, protagonizando resistências...

Um dos grandes desafios que se colocou para nós em meio a concretização dessa pesquisa foi pensar a sua relevância social, e as possíveis contribuições que se fazem necessárias em toda e qualquer pesquisa pautada em princípios políticos e éticos. No entanto, nossa preocupação não se centrou apenas nisso. Precisávamos desvelar essa realidade, anunciar e denunciar essas vozes caladas silenciadas, negadas, já que a história oral tem um caráter denunciador e também é porta voz das injustiças sociais.

Nossa intenção nesse processo de construção foi possibilitar que essas mulheres falassem, externassem, educassem, sensibilizassem com e a partir das suas histórias de vida que representa a história de vida de muitas jovens que migraram de seus territórios em busca de vida digna, e nesse processo foram violadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: Annablume, 1996.

FALEIROS Eva T. Silveira & CAMPOS Josete de Oliveira; in **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes** - CECRIA / MJ-SEDH-DCA / FBB / UNICEF; Brasília, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução Raquel Ramallete. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e Tradução Roberto Machado, 22ª ed. Rio e Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. SP. Humanidas: brisa oficial do estado, 2002.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio: Estudos literários**, São Paulo, 1989.

RIBEIRO Beatriz. **Juventude do Campo: processos de territorialização, processos de identificação**. UFPA – Marabá, 2009.

SILVA. Loíde. **Dialogando Sobre Juventude Camponesa**. UFPA – Marabá – PA, 2009.